

# AS RELAÇÕES DE PODER NAS OBRAS “A MÁSCARA DA MORTE RUBRA” DE EDGAR ALLAN POE E “O SÉTIMO SELO” DE INGMAR BERGMANN E A INFLUÊNCIA DO IMAGÉTICO DE AMBAS NA CONSTRUÇÃO DESTAS RELAÇÕES

HELVÉCIO FERREIRA FURTADO JÚNIOR<sup>1</sup>; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - [pejorativo@radiogita.com](mailto:pejorativo@radiogita.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - [danigallindo@yahoo.de](mailto:danigallindo@yahoo.de)

## 1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem por objetivo analisar e criar pontes entre as relações de poder nas obras de Edgar Allan Poe e Ingmar Bergmann, respectivamente “A máscara da morte rubra” e “O sétimo selo”. Sendo ambas obras que tratam da figura da morte como personagem, as relações de poder entre homem e morte enquanto *persona* também serão analisadas. Buscaremos identificar elementos que nos permitam traçar uma evolução paradigmática nas relações de poder, principalmente entre o homem e a morte, em ambas as obras, e para isso utilizaremos a perspectiva histórica destas relações, como descrita em “A microfísica do Poder”, de Michael Foucault. Observaremos também a construção do cenário como símbolo do empoderamento ou não dos personagens, buscando contrastar, neste momento, o imagético que se faz dos personagens que captam o poder, e aquele que se faz dos que o cedem.

## 2. METODOLOGIA

A análise das narrativas se dará sob a perspectiva foucaultiana acerca das relações e práticas de poder. Estas relações e práticas serão observadas tanto do ponto de vista interior ao texto, nas intenções dos personagens e interações entre si, quanto do ponto de vista externo ao texto, ou seja: a intenção do autor quando apresenta à sua audiência tais relações. Utilizaremos como literatura secundária os livros “Teoria do Conto” (GOTLIB, 2006) e “A idade Média no Cinema” (MACEDO; MONGELLI, 2009), que nos auxiliam a compreensão do papel que o imagético das obras tem enquanto parte das relações de poder.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando utilizamos obras que situam-se em dois períodos de tempo diferentes, e além disso utilizam-se de dois tipos de mídias diferentes para serem expostas, é imprescindível que ao analisá-las, procuremos o máximo de conexões possíveis entre elas. No caso das obras aqui estudadas, nota-se um pano de fundo bastante vasto e que dialoga com uma tradição anterior aos seus períodos de produção: “A dança da morte”. Esta tradição, que remonta ao século XV, foi espalhada pela Europa, principalmente após os anos da peste, e nos fala sobre a soberania da morte sobre a humanidade bem como de seu poder nivelador entre os homens. O famoso bordão “a morte iguala a todos” inicia-se nessa época e as alegorias da morte que podem ser vistas ainda hoje nas igrejas europeias mostra a figura esquelética da morte conduzindo pela mão desde o imperador até o camponês, todos dançando a mesma os mesmos passos impreteríveis em direção à cova. Temos neste mito talvez, a origem do imaginário da morte que

hoje conhecemos: a figura esquelética vestida de negro, fria e implacável. Ao observarmos a morte nas obras aqui estudadas, veremos que essa imagem é resgatada parcialmente em ambas – mas voltaremos a este ponto posteriormente.

Em ambas obras, nos deparamos com figuras de poder semelhantes: O príncipe Prospero na obra de Poe e o cavaleiro templário Antonius Block em Bergmann detêm o mesmo tipo de poder: são figuras socialmente elevadas, abastadas, com seguidores e educação superior à dos demais personagens. Contudo, a forma como o poder é utilizado por cada um diverge enormemente: Prospero utiliza de seus recursos para saciar sua luxúria e depravação, construindo um palácio magnífico e arabesco, que mesmo sendo belo, causa sensações estranhas à quem o percorre. O príncipe utiliza de seu poder de forma mesquinha, isolando-se de um mundo que é flagelado pela praga, deixando seus súditos para a morte, enquanto ele e seus seguidores se esbaldam em vinho e luxúria. Antonius Block, por outro lado, mostra-se ponderado e pouco interessado em assuntos levianos. Longe de acumular ao seu redor bajuladores, conserva apenas um escudeiro que o acompanha. Ao longo da narrativa fílmica, podemos ver a utilização do poder do cavaleiro para fins moralmente mais nobres que os de Prospero: por onde passa, Block resolve conflitos e tenta encontrar o sentido das ações tomadas pelas pessoas. Observa-se bem seu caráter quando ele vê uma garota que será queimada, acusada de ser uma das bruxas que trouxeram a peste ao país. Os guardas inicialmente tentam impedi-lo de falar com ela, mas ele os intimida e fala mesmo assim. Ainda que proibido de tocá-la, ele o faz. Mesmo depois de a bruxa confessar que enxerga o demônio e que fala com ele, Antonius Block dá a ela um entorpecente para que esta não sinta dor em sua execução.

A utilização do poder por cada personagem está intimamente atrelada à imagem que o narrador deseja construir do personagem: no conto de Poe, Prospero é um déspota leviano, merecedor do destino que o aguarda. Observando a relação entre ele e seus súditos, seu prazer em causar desconforto à todos quando soam as badaladas de seu misterioso relógio evidencia como este utiliza a relação de poder que tem favorável a si para extrair diversão do medo de seus inferiores. Block, por outro lado, não é o vilão da história: Suas viagens e batalhas na terra santa foram a têmpera de seu juízo, formando em sua mente uma grande indagação, que ele busca a todo momento responder: “Qual o sentido da vida?” Ao encontrar sua terra devastada pela peste, ele compreende que ali encontrará a morte. Porém, deseja antes de ser levado por ela, responder esta questão primordial. O personagem de Bergmann também é favorecido pelas relações de poder, mas utiliza-as apenas quando necessário; para ele as questões mais levianas não importam, pois ele sabe que seu tempo é curto e deseja partir sabendo o que o espera. As relações de poder apresentadas em ambas as histórias servem para que identifiquemos o caráter dos personagens.

A figura central das duas obras é a morte e neste ponto os laços se estreitam: ambas são impessoais, misteriosas e implacáveis. Elas vem acompanhadas da peste, ceifando a vida dos homens impiedosamente. Seu imagético é mesmo parecido: elas são como cadáveres, sendo que a figura de Poe traz um semblante atingido pela praga da morte rubra, enquanto a de Bergmann é um cadáver empalidecido e envolto em mortalhas.

De acordo com a análise sobre as estruturas de poder de Foucault, podemos dizer que o poder como objeto não existe, sendo de fato representado pelas práticas ou relações de poder. O poder não está dividido entre aqueles que o possuem e aqueles que não o fazem, pois todos tem em maior ou menor grau, capacidade de exercer poder. Também é dito por Foucault que onde existe uma relação ou prática de poder, existe também a resistência.

Dentro deste contexto, poderíamos inserir a morte como a personificação do poder em si, sem intermédio de práticas. Estas então existiriam apenas entre os humanos, pois sendo o objeto de poder o corpo, a morte que é incorpórea não pode ser atingida. As relações entre a morte e aqueles com quem ela se relaciona nas obras demonstram que ela é onipotente, causadora de uma prática de poder unilateral: Ela conserva consigo poder absoluto sobre os homens, embora nenhum poder terreno tenha sob ela qualquer influência. No conto de Poe, quando finalmente a morte se revela, nenhuma ação tomada contra ela surte efeito. As ameaças e o ataque de Prospero não atingem nem impedem a morte rubra de cumprir seu objetivo, pois todas as ações, tanto do príncipe quanto de seu séquito, são voltadas para a destruição do corpo físico da morte, campo único onde o ser humano pensa poder agir. Nenhuma ação perpetrada contra a morte adianta, pois esta, como é dito ao final do conto, não tem corpo, e não pode, portanto ser tolhida de seu poder.

Em “O Sétimo Selo”, a morte ainda é onipotente, porém o protagonista consegue manter com ela alguma relação de poder. Sabendo que esta é inevitável e implacável, Block não tenta impedi-la, mas apenas ganhar tempo para sanar suas dúvidas. A prática de poder da morte (tirar a vida) encontra uma resistência (manter a vida) bem sucedida no cavaleiro, quando este, ao invés de tentar combater a morte, barganha com ela por mais tempo através de um jogo de xadrez. Nota-se que ao desviar o foco da relação de poder entre ambos do campo físico para o mental, Antonius Block consegue contornar a onipotência da morte e manter-se vivo por mais tempo. Contudo, a simples conversa não é suficiente para que a morte negocie: Em determinado momento do filme, a morte chega para um dos atores da companhia viajante, que tenta implorar pela vida, sem sucesso. O diferencial entre Block e o saltimbanco reside então no jogo: Longe de esperar por sentimentos de compaixão que o ser (morte) não possui, o personagem de Bergmann oferece a ela algo que nenhum outro parece oferecer: entretenimento. O cavaleiro atiça a curiosidade da morte sobre si e sobre suas atitudes finais, enquanto busca ao mesmo tempo saciar sua própria curiosidade.

#### 4. CONCLUSÕES

A imagem da morte nos diz tanto sobre as atitudes que estas tomarão sobre os humanos quanto as atitudes dos príncipes nos dizem sobre como eles se portam perante os seus semelhantes. A morte rubra de Poe é suja, pestilenta e voraz. Traz consigo os sinais da doença aparente, do desespero daqueles que ficaram do outro lado das muralhas. Ela não profere uma palavra – vem apenas para cumprir seu papel. “Seu vestuário estava borrifado de sangue, e sua alta testa, assim como o restante do rosto, salpicada com o horror rubro” (POE, 1842, p.8). As muralhas de Prospero, objetos que demonstram-no como alguém de grande poder, não podem detê-la. Nada pode.

A morte de Bergmann apresenta uma imagem muito mais fria, limpa e racional. Ela ainda é implacável, mas também é um símbolo de inteligência e sabedoria oculta. Veste-se de negro e tem o rosto pálido e desprovido de barba ou sobrancelhas – mas não traz consigo as chagas da peste que propaga. Ela se apresenta e se explica a todos aqueles com os quais mantém contato, tornando-se mais próxima dos homens, ainda que quase totalmente inatingível. O personagem funesto representa, num contexto exterior à narrativa fílmica, uma morte muito mais moderna, fria e impessoal, característica das relações de poder do século XX pós segunda grande guerra.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, MI. **Microfísica do Poder**. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 2006.

**Lübeck's Dance of Death**. Acessado em 15 jun. 2014. Online. Disponível em: <http://www.dodedans.com/Etext.htm>

MACEDO, J. R.; MONGELLI, L. M. **A Idade Média no Cinema**. Cotia: Ateliê, 2009.

POE, E. A. **The Mask of the Red Death**. 1842. Acessado em 15 jun. 2014. Online. Disponível em: [http://www.ibiblio.org/ebooks/Poe/Red\\_Death.pdf](http://www.ibiblio.org/ebooks/Poe/Red_Death.pdf)